TEMPOS DE BARRACO:

EXPERIÊNCIAS E ORGANIZAÇÃO DO ACAMPAMENTO ANA PRIMAVESI EM CONCEIÇÃO DO ALMEIDA – BAHIA

Fernanda Souza Santos Santanna[26]

Resumo: Vidas entrelaçadas aos movimentos da vida e ao Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Sem Terra (MST). Este estudo busca apresentar algumas das muitas camadas que compõem o processo de luta das ocupações de terra, partilhando experiências e a organização do Acampamento Ana Primavesi em Conceição do Almeida - BA, nos conduzindo a reflexões sobre este contexto específico, ao evocar características desta realidade ao invés de representá-la (Tylor, 2016). O Acampamento Ana Primavesi foi descrito no seu processo de construção, atividades e organizações do cotidiano, através do diálogo com militantes e acampados inseridos na luta pela terra através do MST, a partir da etnografia e de entrevistas semiestruturadas.

Palavras-Chave: MST. Sem Terra. Acampamento. Movimento social.

> "[..] afirmo que, ao registrar estas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma escrevivência." – Conceição Evaristo

[26] Mestranda em Crítica Cultural (UNEB), graduada em Licenciatura em Ciências Sociais (UFRB) - fernanda.souza.ss@outlook.com.

COMEÇANDO A NOSSA PROSA

A história do Acampamento Ana Primavesi, área do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) no município de Conceição do Almeida - BA, é repleta de inúmeros altos e baixos, que refletem toda complexidade da luta pela terra e Reforma Agrária no Brasil. Aqui busco aprestar algumas das muitas camadas que compõem este processo de luta, partilhando fragmentos da vida e da organização deste Acampamento, que possam nos levar às reflexões sobre este contexto.

Refletir sobre movimentos sociais de luta pela terra implica uma compreensão da estrutura social na qual estamos inseridos. Lévi-Strauss (1970) contribui com este debate ao afirmar que a estrutura nunca existe na realidade concreta, mas que ela define o sistema de relações e transformações possíveis da realidade. Algo que Deleuze (2006) também definiu de forma similar como "um sistema de relações, a sintaxe das transformações possíveis". Desse modo, ainda que ao pensar em estrutura social brasileira não estejamos falando de uma estrutura palpável, precisamos refletir sobre os sistemas de relações existentes e suas possíveis transformações.

Aos falarmos de movimentos sociais de luta pela terra como o MST, que pautam a reforma agrária, estamos tratando diretamente de uma estrutura fundiária brasileira que tem relações marcadas historicamente pelo latifúndio, pelo monocultivo, pela expropriação, pela invasão, pela grilagem, dentre outras formas de relacionais que estão inseridas dentro de um sistema capitalista. E se falamos sobre a estrutura fundiária brasileira, assim como nos afirma Lévi-Strauss, podemos pensar também sobre as transformações possíveis da realidade.

Nesse contexto, as ocupações de terras podem ser analisadas como propostas de transformações possíveis ao questionar a estrutura da realidade fundiária brasileira. Poderíamos inclusive realizar uma comparação entre as mesmas e o conceito de "casa vazia" elaborado por Deleuze (2006). Deste modo, poríamos pensar uma ocupação de terra como esta "casa vazia" no interior da estrutura, que permite que ocorram variações e atualizações de sentidos nesta organização social.

As ocupações de terras são, portanto, um instrumento essencial no processo de luta pela terra. Quando um movimento social como o

MST ocupa[27] uma área que não está cumprindo sua função social[28], ocorre uma pressão para que o direito à terra seja, de fato, cumprido e para que o Estado se movimente no cumprimento da Reforma Agrária. Os primeiros momentos das ocupações representam o início de um processo que, muitas vezes, pode durar anos até que ocorra a efetivação da reivindicação do Movimento[29], tornando as áreas assentamentos.

Os assentamentos possuem um contexto de vida e organização bem diferente do encontrado nos acampamentos. Os assentamentos são áreas do Movimento que já existem a um tempo significativo, que

---

[27] A escolha do termo "ocupar" reflete uma perspectiva política defendida pelo MST e adotada também por este estudo. "[..] invadir significa um ato de força para tomar alguma coisa de alguém, enquanto ocupar diz respeito, simplesmente, a preencher um vazio, no caso, de terras que não cumprem sua função social." (Silva, 1996 apud Campos, 2008, p. 36).

[28] "I - aproveitamento racional e adequado; II - utilização adequada dos recursos naturais disponíveis e preservação do meio ambiente; III - observância das disposições que regulam as relações de trabalho; IV - exploração que favoreça o bem-estar dos proprietários e dos trabalhadores". (Brasil, 1988, p. 113).

[29] Ao longo deste escrito, Movimento com letra maiúscula sempre estará referindo-se ao Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Sem Terra (MST).

possuem indícios de que a posse da terra se concretizará, como acordos, negociações, o cadastro do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) ou são áreas em que de fato a organização já alcançou a posse da terra. Nestas áreas, como apontam os estudos, os moradores são conhecidos como assentados e já passaram pelo processo inicial de vinculação à instituição, já estiveram em formações teóricas e viveram os anos de acampamento, marchas, eventos, dentre outras atividades, como formações práticas, são militantes mais experientes e encontram-se em um momento de maior estabilidade.

Já os acampamentos representam o primeiro momento da ocupação de terras, são os anos iniciais da luta, momento repleto de tensão pelo processo de ocupação e forças de oposição à organização social, marcado pela insegurança em relação a posse da terra. Os acampamentos são um momento muito significativo, que merece mais espaço para reflexões, pois além de serem um momento delicado coletivamente, também representam:

> [..] um momento de ruptura na vida dos indivíduos que dele participam, pois indica não somente o ingresso em uma luta, mas o rompimento com uma posição passiva frente à situação de pauperização e marginalização vivida pelo indivíduo. (Caldart, 2004, p. 39).

Este momento do processo de luta pela terra é, portanto, um espaço de retomada da experiência em seu sentido mais profundo, tal qual nos sinaliza Agamben (2005) ao apresentar a pobreza da experiência na vida moderna mediada pelo sistema capitalista. Na vida em Acampamento a experiência é retomada e vista como potência política, rompendo com a alienação e resgatando a potência linguagem.

Ainda que os Acampamentos possuam tamanha potencialidade, existem poucos estudos sobre estas áreas. A maior parte dos estudos nesta seara opta por refletir sobre a realidade dos Assentamentos, áreas mais consolidadas e de maior estabilidade, porém considero essencial discutir sobre estes espaços, buscando aqui analisar de maneira cuidadosa este universo que são as ocupações de terras, percebendo as sutilezas deste momento, que é realmente um divisor de águas na vida dos acampados.

Para construir esta prosa, utilizei-me sobretudo de etnografias e elementos dos meus cadernos de campo que construo initerruptamente desde a época da minha graduação, além disso, realizei pequenas entrevistas semiestruturadas para aprofundar pontos que considerei necessários. Também resgato aqui vivências pessoais no Acampamento Ana Primavesi, que se convertem em

escrevivências para dialogar diretamente com os demais dados de minha pesquisa. Este cruzamento de dados de pesquisa buscou superar obstáculos epistemológicos apresentados por Bachelar (1996), como a opinião e a afetividade.

Ingressei na área em questão como visitante e curiosa, tornei-me pesquisadora, militante e professora de alfabetização dentro deste Acampamento. Poderia dizer que, ao passo em que construí meus estudos e pesquisas junto com o Movimento, o mesmo me construiu durante a caminhada. Tornei-me uma pesquisadora-militante ou militante-pesquisadora, portanto, evoco aqui, outros tantos estudiosos que reivindicam este lugar de pesquisa.

Autores como Mignolo (2005), Grosfoguel (2016) e os brasileiros Weder Bruno de Almeida (2016) e Ângela Figueiredo (2020), me nutriram teoricamente para realizar a pesquisa, percebendo-me parte da realidade estudada, demonstrando-me que aos subalternizados também lhes cabe o papel de pesquisadores. Os estudos de Almeida (2016), por exemplo, sinalizam como ocorreu uma mudança significativa nos perfis dos estudantes das Universidades após as políticas de ações afirmativas dos últimos anos, pois “regiões e sujeitos marginalizados da produção do conhecimento acadêmico,

ingressaram nestes espaços em que foram historicamente excluídos" (Almeida, 2016).

A partir do ingresso dos novos sujeitos, ampliou-se a produção acadêmica em que estes grupos deixaram de ser "objetos de pesquisa", para tornarem-se pesquisadores, combatendo a ideia da neutralidade científica, propondo outras possibilidades de pesquisa e construindo coletivamente as novas vozes e epistemologias do Sul. Assim, me percebo enquanto pesquisadora, militante e professora no Acampamento Ana Primavesi, local de estudo desta pesquisa. Aproveito para resgatar também a contribuição teórica do professor Ari Lima (2013) que, ao questionar: "O método é heterodoxo. O sujeito é posicionado. A pesquisa é possível?", constrói reflexões científicas sólidas sobre a produção científica dos sujeitos posicionados.

Destaco também o papel metodológico significativo da fotografia neste estudo, sendo uma paixão pessoal incorporada à pesquisa e cumprindo aqui o papel de um instrumento de pesquisa. Infelizmente o formato dos artigos limita a inserção das imagens que

dialogam com toda a prosa apresentada, mas ofereço um simbólico cantinho virtual 30onde estes materiais podem ser apreciados.

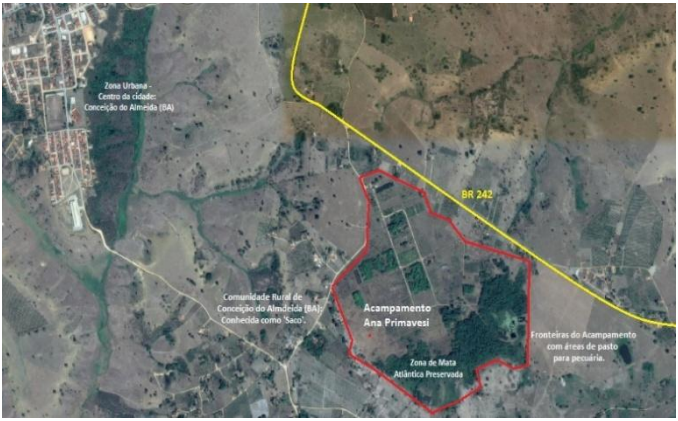
LOCALIZAÇÃO: PARA ONDE VAMOS?

Figura 01 - Conceição do Almeida no Recôncavo da Bahia.

Fonte: Tabuleiro Reconcafricano (2019).

[30] Link de acesso: https://padlet.com/fernandasouzass/acampamentoanaprimavesi

Figura 02 - Imagem de Satélite – Entorno do Acampamento Ana Primavesi.



Fonte: Destaques de elaboração da autora. Imagens do Google Maps (2024).

É durante o (des)governo Bolsonaro, em um cenário improvável, que surge o Acampamento Ana Primavesi, especificamente no mês de abril de 2021, a partir da ocupação de uma área da Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola (EBDA) que estava abandonada no município de Conceição do Almeida (BA) há, aproximadamente, mais de 10 anos. A EBDA surgiu em 1991, com a intenção de atuar como uma agência de desenvolvimento rural, realizando as atividades de pesquisa, extensão e assistência técnica no campo. Em Conceição do Almeida, foi implantada uma estação experimental que funcionou

ativamente por muitos anos, até a queda progressiva de investimentos na área e paralisação das atividades nestes últimos 10 anos, até que o governo do estado decidisse pela extinção e liquidação total da EBDA em 2016 para adoção de um novo modelo de políticas para o campo, na gestão do então Governador Rui Costa.

A estação experimental da localidade especializou-se no cultivo de frutas, realizando experimentos genéticos, seleções artificiais de sementes, além da incorporação de espécies vindas de países das Américas, da Europa, da Ásia e da África, importando espécies frutíferas e também enviando espécies locais para o exterior e outras zonas do Brasil. Muitas espécies presentes na área ainda não conseguiram ser identificadas por militantes e acampados, assim como foram encontradas muitas variedades frutíferas que não possuem semente, que tem gostos incomuns e aparência diferente das tradicionais. Em um levantamento de dados sobre a EBDA e esta área em específico, foi possível encontrar um estudo que detalha a

riqueza do espaço que se constituiu como um banco de germoplasma de espécies frutíferas e nativas[31].

O Movimento reconhece em inúmeras falas o potencial da área, suas riquezas naturais, toda a multiplicidade do que ela pode vir a ser. Os novos acampados, recém ingressos no Movimento e moradores da área, utilizam frequentemente um apelido para a localidade percebido e registrado durante as visitas, a chamam de "Pedacinho do Éden", em referência à passagem bíblica, realizando um paralelo com a riqueza da biodiversidade local, que tem inúmeras espécies frutíferas, um pedaço considerável de Mata Atlântica preservada e uma lagoa repleta de peixes.

A chegada das famílias, nas primeiras semanas em que o MST se alojou no espaço, ocorreu em paralelo com as inúmeras ameaças do poder público municipal.

> Os primeiros dias foram muito difíceis pela pressão do poder público municipal, que assim que a gente entrou na área, eles começaram,

[31] Banco de Germoplasma de Frutíferas e Nativas (Uzêda; Ramos; 2005) -https://drive.google.com/file/d/1PIt1sGskTcrR-Qsy6E8wiVHczS_jAuZU/view?usp=sharing

> inclusive o prefeito, começou a chegar dizendo que a gente tinha que sair e que a área já tinha uma negociação com o governo do estado que iria ceder pra prefeitura e houve uma certa ameaça né? Que eles ia mandar a polícia tirar nós, ia mandar o CIP, ia mandar outros policiais pra tá tirando a gente, então, teve uns três dias muito difíceis aí. Ficamos muito conturbados. Com a negociação com a Casa Militar, que é um órgão do governo do estado, então foi melhorando a relação. Até mesmo com a polícia depois disso, que eles já foram demonstrar que tavam fazendo uma certa segurança pra militância. (Alex Pacheco Santos, 40 anos, 18 anos de atuação no Movimento, reside no Assentamento Paulo Cunha em Santo Amaro - BA, setembro 2023).

O clima conturbado com o poder público municipal persiste, essa situação de insegurança com a polícia local também, e estas relações ficaram evidentes em alguns momentos da pesquisa de campo, quando estes assuntos eram comentados, ou quando o silêncio se instaurava em qualquer conversa para acompanhar a passagem lenta de alguma viatura policial na estrada em frente ao Acampamento. Esta tensão dificultou muito a adesão das pessoas da região a ocupação, muitas pessoas apareceram curiosas e nunca retornavam, ou chegavam, se fixavam e dias depois anunciavam que precisavam sair por alguma insegurança ou ameaça sofrida.

O processo de ocupação é muito interessante de ser acompanhado, possui um fluxo constante e em semanas o cenário se transforma totalmente. Em uma semana o caderno de nomes das famílias ingressantes está cheio e sem espaço algum, dias depois está esvaziando, nas semanas seguintes já temos novos grupos recém-chegados. Os militantes chegaram em abril, ocuparam a área, hasteando a bandeira do Movimento nos espaços, misturando-se com os moradores locais em bares, salões de unhas, no baba dos finais de semana, nas pracinhas, e ao interagirem com os moradores locais falavam sobre a ocupação, convidam para partilharem "o sonho de ter uma terrinha" como muitas vezes pude escutar nas minhas estadias no Acampamento. Afinal, para o Movimento todo espaço é político.

Com ações discretas dos militantes e o burburinho da notícia da ocupação correndo de boca em boca na cidade, chegaram as primeiras famílias para os lotes de 10 metros x 25 metros de moradia e de 30 metros x 45 metros de plantio para cada família.

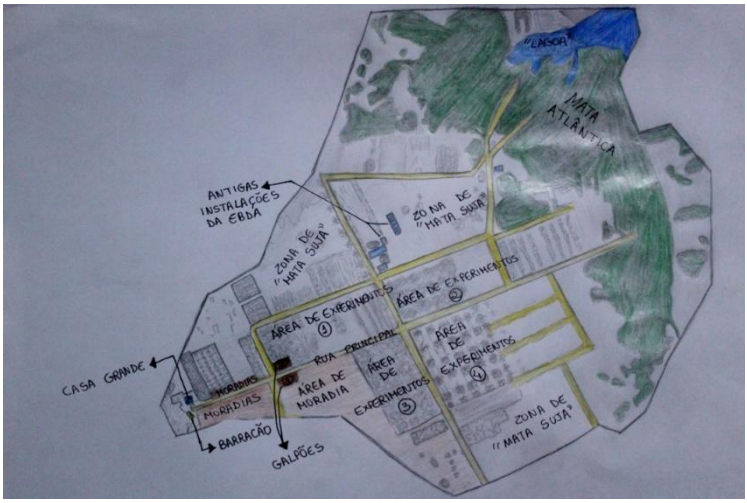
> Com o decorrer do tempo as famílias começaram a saber da ocupação e aí muito timidamente começaram a chegar pra ver o que era que estava acontecendo, e aí as mulheres em si foram as pioneiras no Acampamento Ana Primavesi, nessa área, muitas mulheres mães de família foram as primeiras que vieram pra área e aí elas

> começaram esse processo de fazer o barraco, limpar o espaço e depois vim de fato morar no Acampamento e aí foram chegando mais pessoas, companheiros homens e famílias. E aí o Acampamento começou de fato a ganhar corpo. (Leandro Santos Pereira, Coordenador da Brigada Roseli Nunes, 24 anos, militante acampado em Itambé - BA, maio de 2024).

O protagonismo das mulheres no Acampamento Ana Primavesi é evidente, observando a área assistimos as mulheres de um lado a outro, construindo, consertando, com as crianças, indo e vindo da lagoa, carregando coisas, contando histórias, aproveitando a fresca debaixo dos pés de coco, sem dúvidas, a presença feminina preenche o Acampamento. A maioria das mulheres que chegou nos primeiros meses de ocupação, como mencionado no relato anterior, persiste até o presente momento, formando um conjunto de 35 famílias acampadas.

O LUGAR E AS PESSOAS

Figura 03 - Croqui – Acampamento Ana Primavesi.



Fonte: Elaboração da autora em parceria com o acampado Evando Araújo de Souza, 2024.

Esta construção etnográfica foi muito mais do que o "andar, ver e escrever" proposto por Hélio Silva (2009) ou o "olhar, ouvir e escrever" proposto por Roberto de Oliveira (1996) como método de pesquisa antropológica. E quando afirmo que foi mais, realmente foi verdadeiramente muito mais. Durante minha presença na área, capinei32 terrenos com a enxada, aprendi a juntar o *mato* em grandes

[32] As palavras destacadas em itálico, com exceção das oriundas de outro idioma, sinalizam expressões nativas apreendidas ao longo deste estudo, preservando as expressões linguísticas locais.

pilhas para tacar fogo. Cortei lenha, acendi fogueira, carreguei troncos de árvore, *catei* frutas das árvores, dormi em barraca de c*amping*, cavei buracos e cozinhei no *fogo de lenha*. Também participei das equipes que fazem a segurança noturna e me percebi, às quase 3 horas da manhã, olhando as estrelas infinitas sob o Acampamento Ana Primavesi.

O caderno de anotações que me acompanhou nas tantas idas ao campo, também é um verdadeiro "caderno de itinerâncias" como destacou Zuzanna Jaegermann (2016) na sua experiência de pesquisa. Nele estão registradas observações, descrições de pessoas e situações, falas marcantes ditas a mim ou partilhadas em grupos, reflexões pessoais, uma vastidão de informações que pude captar. Para mim são como "escrevivências", produtos de um "jogo de palavras entre escrever, viver, escrever-se vendo e escrever vendo-se" (Evaristo, 2005, p. 5). Portanto, considero um Caderno de Escrevivências, onde está um conjunto complexo de informações, difíceis de serem apreendidas por outros leitores, pois utilizei diversos códigos, sinais e elementos para identificar pessoas, lugares e situações, de modo que conseguisse realizar registros rápidos das conversas e eventos neste fazer socioantropológico.

Para chegar até a área, é necessária uma caminhada de 3,2 Km do centro da cidade de Conceição do Almeida (BA) até o Acampamento Ana Primavesi. Caminhada irregular, *chão de terra batida*, em caminhos cheios de curvas e ladeiras de tirar o fôlego. Tempo ensolarado, onde o maior inimigo é a poeira da estrada. Ainda assim, quanto mais nos afastamos da zona urbana, mais bonita se torna a caminhada, mais verde vai surgindo. Pequenas propriedades e casinhas da comunidade rural conhecida como *Saco*, bares rurais com sons altos e pessoas tomando uma cervejinha para aliviar o calor, roupas coloridas penduradas nas cercas de arame farpado movendo-se ao sabor dos ventos, os vira-latas correndo pela estrada e crianças brincando nas portas das pequenas propriedades com olhares curiosos. As igrejas evangélicas da comunidade sendo limpas e organizadas por muitas mãos para os cultos da noite. Um cenário tranquilo e sem surpresas até chegarmos a uma parte inusitada do caminho: cercas derrubadas, nada de arame farpado, e uma parte de Mata Atlântica intacta, preservada, com árvores imensas erguendo-se no ar como se desafiassem a presença humana ali.

Avançando alguns metros, surgiram as primeiras armações de madeira em meio a esta área sem cercas, os chamados *barracos de lona preta*. Aparecem as primeiras pessoas limpando terrenos, todos

aparentemente com o mesmo tamanho e repartidos em um certo padrão. Poucas pessoas, trabalhando sozinhas ou em grupos pequenos de no máximo 03 pessoas, homens e mulheres, aparentemente todos negros e negras. Mulheres cortando e carregando troncos de madeira para erguer as estruturas, crianças ao redor animadas com a movimentação.

Caminhando mais um pouco, chegamos no que seria a entrada do acampamento, dois pequenos muros sustentando um velho portão de ferro com uma corrente e cadeado rompidos. Presa no portão, logo acima do cadeado, está a bandeira do Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Sem Terra (MST), que também aparece no alto, presa em um longo pedaço de madeira formando um mastro improvisado.

Entramos na área pela lateral do pequeno muro, onde estavam caídas as velhas estacas de madeira já sem nenhuma utilidade. Seguimos em direção a uma casa grande e branca, em estado de conservação bastante delicado, a antiga sede da Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola (EBDA), apelidada pelos acampados de *Casa Grande*, que após alguns dias do início da ocupação já se encontrava no melhor estado visto em anos desde o encerramento das atividades da EBDA, estava movimentada, limpa e organizada. Na área ao redor da casa o *mato* havia sido retirado, na área lateral e do fundo

fileiras de hortas, divididas em duas partes: hortaliças e ervas medicinais. Um dos membros do Movimento que estava contribuindo com a ocupação era especialista no estudo das ervas medicinais, havia desenvolvido a horta e, inclusive, cuidado da saúde de algumas pessoas desde a sua chegada ali. A parte de hortaliças foi feita logo nos primeiros dias, para consumo próprio e também para reafirmar o ideal do Movimento: “A gente tá aqui não é pra bagunça não, é pra ocupar, produzir e resistir! Esse que é o Movimento.”, como reafirmou em inúmeras oportunidades o Coordenador Alex Pacheco.

Nos primeiros meses de ocupação, os acampados trabalhavam nos seus terrenos/lotes demarcados no tamanho de 10 x 25 metros, espaço destinado exclusivamente para moradia, enquanto que as áreas de plantio no tamanho de 30 x 45 metros para cada família foram repartidas um tempo depois. O primeiro *barraco* totalmente pronto e coberto com lona preta, feito com uma precisão impecável, foi o de *Seu Chico*. Militante antigo do Movimento, ele havia se afastado do grupo por alguns anos por conta de problemas de saúde e estava retornando, decidindo fixar-se neste Acampamento recém-formado para o que afirmava ser um “recomeço”.

Próximo à área onde estão distribuídos os lotes de moradia, estão as estruturas de 02 galpões. Ambos foram encontrados em

estado de conservação muito ruim, sem portas, com os telhados danificados e repletos de sujeira em seu interior. O mais próximo das casas foi limpo, recebeu as telhas do outro galpão para melhorar a cobertura e tornou-se um espaço coletivo para reuniões, atividades formativas e para realização da *disciplina*.

> A disciplina, logo quando a gente ocupa uma fazenda, a primeira coisa que a gente coloca é a bandeira. Depois que é a bandeira, é a disciplina, quando a gente fala a disciplina, a gente tá falando da pessoa ser disciplinada, a formação do Movimento ela começa aí pela disciplina. Aí pra mim o mais importante é quando a gente separa os grupos pra fazer a disciplina pra tá eles mesmo saber que é muito importante a disciplina. [..] Disciplina é pra garantir a terra, garantir a moradia, tudo isso. Pra mim é a primeira coisa que vem pra formação das pessoas. E também através de uma disciplina, as pessoas passam a ter respeito um com o outro. E ver que nós precisamos um do outro para ter a segurança porque se não tiver respeito dentro de um acampamento não tem segurança, não tem nada. (Dulce - Ducilene Felicissima de Souza, 57 anos, assentada em Candeias (BA), Setembro 2023).

As disciplinas são espécies de vigílias, onde membros do Acampamento dividem-se em grupos e turnos durante a noite para cuidar da segurança do espaço e dos companheiros, por tratar-se de

um espaço em disputas. Os militantes reforçam em suas muitas falas a respeito, que a *disciplina* possui ainda um significado para além da segurança, que também fazem parte da formação política dos militantes e estão associadas também ao sentimento de valorização do processo de luta pela terra. Aqui, mais uma vez, percebemos o quanto a experiência possui um papel fundamental neste modo de vida. Assim como para Agamben (2005), há uma perspectiva de combate à expropriação da experiência, inserindo os sujeitos no campo da ação, do fazer, do experienciar, pois a partir disso o sujeito constitui a luta política e é constituído pela mesma.

O primeiro galpão, depois de tornar-se espaço coletivo, recebeu um pequeno sofá, algumas cadeiras, uma mesinha com uma televisão que permanece sempre ligada, a bandeira do Movimento pendurada no meio do espaço e a mesa improvisada de dominó que acompanha as madrugadas dos acampados, gerando muitas brincadeiras e fortalecendo vínculos.

OS BARRACOS DE LONA PRETA

Figura 04 - Acampamento Ana Primavesi, 2024.

Fonte: Fernanda Souza Santos Santanna.

Nas áreas de moradia, as famílias trabalhavam sempre em grupos, com crianças, mulheres, idosos, jovens e homens colaborando. As estruturas de *barracos* foram surgindo aos poucos, com pedaços de madeira retirados nas zonas denominadas de *mata suja*, ou seja, áreas onde a mata não era mais virgem e havia permissão para o corte de árvores. As áreas onde eram permitidos os cortes eram constantemente explicadas aos recém-chegados pelos militantes mais experientes, que coordenavam a ocupação.

Depois que os acampados recebiam seus lotes demarcados, seus objetivos eram realizar a limpeza dos terrenos e construir seus *barracos*. A limpeza consistia em 03 etapas: 1. *capinar*, retirar todo o *mato* do terreno; 2. organizar em grandes pilhas; 3. queimar, processo

que espalhava muita fumaça por todo Acampamento tornando difícil respirar no calor dos dias quentes. Posteriormente, os acampados iniciavam a construção, dividida em 04 etapas: 1. inúmeras idas à *mata* para cortar madeira; 2. carregar os muitos troncos de madeira para o lote, com uma distância considerável entre uma zona e outra; 3. armar a estrutura dos barracos; 4. cobrir com as lonas plásticas pretas.

Ao etnografar durante muitos dias as famílias em seus processos de limpeza e construção, colaborando fisicamente muitas vezes inclusive, alguns elementos destacavam-se. Primeiro, a dificuldade das famílias quando chegavam ao quarto passo, para cobrir necessitavam recursos para a compra das lonas. As quantidades doadas pelo Movimento terminaram ainda nos primeiros dias de ocupação e as famílias não tinham recursos para comprar o material com custo variando entre 10 a 32 reais por metro em Conceição do Almeida ou na cidade vizinha, Cruz das Almas. As famílias avançavam muito rapidamente nas etapas que dependiam unicamente de seus esforços físicos, mas esbarravam na falta de recursos financeiros para conclusão. Muitos *barracos* tardaram meses para serem cobertos ou foram cobertos pela metade e com o tempo e as intempéries não suportaram precisando ser refeitos.

Em um dos poucos materiais encontrados que possui foco no período de acampamento nas mobilizações de luta pela terra, Nashieli Loera (2014) afirma que:

> No mundo das ocupações de terra, aqueles que participam de uma ocupação e subsequentemente de um acampamento devem seguir uma etiqueta particular: montar um barraco e se instalar debaixo da lona preta. Essa é a forma apropriada de proceder e de "dizer" que se quer terra e que se "pertence" a determinado acampamento. (Nashieli Loera, 2014, p. 47)

O período de Acampamento e a vivência nos *barracos de lona* é fundamental para a construção de uma identidade vinculada ao Movimento, grande parte dos militantes do Movimento já passou por este, que parece ser, um grande ritual de iniciação no processo de luta pela conquista da terra. Em diversos momentos, as conversas coletivas fluem naturalmente para o tema e, militantes de outras áreas, que hoje são assentados e já vivem em outra estrutura de moradia, partilham suas histórias dos *tempos de barraco, histórias da lona preta*, com orgulho. Alguns relatos que pude acompanhar retratam anos *debaixo da lona preta* e são, aparentemente, socializados com os recém acampados com intuito de partilhar a realidade por trás dos

processos de ocupação de terras, as dificuldades e a falta de celeridade por parte do Estado para realizar a Reforma Agrária.

Estes relatos também sinalizam para os recém-chegados ao Movimento, que depois dos anos de dificuldade, as melhorias de vida são significativas, que ter *nosso pedacinho de chão compensa tudo*. Lygia Sigaud (2005, p. 265), outra autora que estuda o universo das ocupações de terras, afirma que o que move os acampados é a força da crença construída coletivamente, "a crença de que um futuro melhor passava pela lona preta constitui-se assim em um elemento decisivo para explicar e compreender a disposição dos trabalhadores [..]".

Visitando o *barraco* de uma das acampadas, arrisco-me a descrever. A divisão do barraco é simples, feita também com a lona preta, sendo um pequeno corredor, estreito o suficiente para uma pessoa passar por vez, com dois bancos de madeira improvisados e utensílios de cozinha pendurados na parede. Também dois pequenos quartos com camas, o primeiro com uma cama de casal e um pequeno espaço onde estavam caixas com roupas e sapatos da família. O segundo um pouco menor, apenas com uma pequena cama de solteiro. Impossível não notar o cuidado com os detalhes, tudo muito

organizado e limpo, as camas forradas com lençóis cor de rosa cheios de flores estampadas.

No quintal, uma varanda improvisada com a lona preta onde está uma mesa e o fogão de lenha feito com a velha estrutura de um fogão, a panela escurecida pelo fogo esquentando um pouco de feijão e fumaça escapulindo pela lateral da varanda em direção às plantações da família. O quintal já está tomado de cultivos de mandioca, feijão, abóbora e algumas hortaliças variadas. Este seria considerado dentro do Acampamento um *barraco* do tipo simples e padrão.

Outros barracos são chamados pelos acampados de *barracos modelo*, tem estruturas cuidadosamente feitas, além de cobertos possuem outros elementos como o *contrapiso*, cimento aplicado no chão dos barracos para substituir o *chão de terra batida*. Estes considerados *barracos modelos* também possuem divisórias internas feitas com a mesma madeira e lona, criando cômodos distintos nas partes internas, enquanto que outros são apenas um grande vão em seu interior.

Todos têm as cozinhas na parte externa, pela fumaça gerada pelo fogo à lenha e também para não aquecer as lonas plásticas. As cozinhas são construídas no fundo dos *barracos* a partir do

prolongamento da cobertura do teto, como se fossem uma espécie de varanda, onde fica o fogo de lenha, as bacias de pratos, os galões que trazem água da cidade, da lagoa ou coletam da chuva. Alguns *barracos* têm ainda banheiros improvisados, também feitos de lona e madeira, onde é possível tomar *banho de cuia* com a água que esquentam no fogo de lenha. Quem ainda não possui banheiros, se banha na lagoa, onde já surgiu uma organização social de maneira orgânica, um lado tem sido usado pelas mulheres para banho e lavagem das roupas, enquanto que o outro tem sido usado regularmente pelos homens do Acampamento.

Cada *barraco* manifesta uma identidade diferente, passados meses da ocupação, as sensações e percepções são diferentes ao entrar em cada um deles. Duas acampadas, por exemplo, possuem *barracos* cheios de detalhes. Possuem apenas um cômodo, mas tem uma cortina colorida que separa a cama do espaço geral, todo o espaço com *contrapiso* e muitos elementos como mesas e cadeiras ornadas com toalhas e arranjos de flores artificiais. Partilham uma cozinha e um banheiro na área do fundo. Nos seus quintais despontam plantios de hortaliças, abóboras, aipim e milho.

Outro *barraco* ficou conhecido no Acampamento por ser o maior e mais elaborado, com dois quartos, sala, cozinha e banheiro

externo. Sem *contrapiso*, por isso estavam sempre *jogando um punhadinho de água para baixar a poeira*. O quintal repleto de hortaliças, feijão e abóbora. De frente pra este barraco há um gramado e muitos pés de coco, onde é comum encontrar os acampados *tomando a fresca* à tarde. No Acampamento afirmam com frequência que *este barraco é doce*, pois está sempre recebendo visitas. Frequentemente encontramos alguém visitando, comendo uma *merenda* ou conversando no espaço. Um conjunto de fatores pode explicar esta relação, eles foram a segunda família a construir o *barraco*, a primeira família a mudar-se de fato para a área, e por esta família ter se envolvido muito com o Movimento, afirmam com frequência que, caso ocorra um despejo desta área, pretendem seguir com o Movimento para outra propriedade até ter o *seu chão*.

Alguns *barracos* são grandes, outros pequenos, de mais de um cômodo ou de apenas um para diferentes perfis de famílias, algumas de muitos membros, com crianças de colo, um pouco maiores ou adolescentes. Em outros *barracos* vivem apenas uma pessoa, geralmente homens, pois as mulheres em sua maioria estão acampadas com crianças e/ou companheiros. E mesmo tendo recebidos lotes de mesmo tamanho e características, meses após a ocupação cada um já possui um aspecto diferente, foram

personalizados e refletem as necessidades e características de cada família.

ENCERRANDO A NOSSA PROSA?

Trazer à tona estes registros etnográficos, fragmentos de entrevistas e reflexões teóricas, é também sobre partilhar um pouco da vida que preenche o Acampamento Ana Primavesi. Acredito que foi possível realizar uma reflexão honesta sobre o Acampamento, atingindo os objetivos centrais de aprestar algumas das muitas camadas que compõem este processo de luta, partilhando fragmentos das experiências e da organização deste Acampamento, nos levando a reflexões.

Os *tempos de barraco* debaixo da lona preta possuem características singulares, com uma organização própria e uma linguagem própria, dotados de códigos que fazem sentido neste contexto específico, tendo buscado ao máximo preservar a linguagem e os signos locais.

Investigar esta realidade foi mergulhar neste universo singular repleto de cultura. Simpatizo muito com a perspectiva de Alfredo Bosi (1998), recuperada por Roseli Caldart (2004), de que o Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Sem Terra é produtor de uma cultura

capaz de enraizar pessoas e possibilitar um projeto de vida futuro, que perpassa pelas dificuldades da vida em coletividade, pelas privações *debaixo da lona preta*, e pelas muitas transformações importas a quem escolhe permanecer no processo de luta pela terra no MST.

> Tô aqui mais pelas crianças, porque eu com dois filhos hoje, sendo sincera, não sei que futuro poderia dar pros meus filhos vivendo na cidade. Lá eu só teria como trabalhar na fábrica, de empregada pros outros, sem nem ver meus filhos crescer. O pai pelo mundo trabalhando também. E meus filhos iam crescer com quem? E lá é vida de aluguel, vida condenada mesmo. Aqui eu fico pensando que a gente ter um pedaço de chão eu posso tá com eles, a gente pode viver melhor. E pelo que eu vejo falar, dentro do Movimento tem muita possibilidade de estudo. Se eles ficarem assim espertos que nem vejo os povo que chega aqui pra nos ajudar, eu vou tá muito feliz. É a chance de um futuro melhor pra eles. Num tem outra coisa não, é por isso que tô aqui. (Jô - Joseane Bispo dos Santos, 35 anos, 07 meses no Acampamento).

Estas *vidas em Movimento*, mencionaram nas nossas muitas conversas diversos elementos que sinalizam suas expectativas de futuro. As mulheres geralmente mencionam as crianças como um elemento central para o que buscam no espaço, mas outros elementos são recorrentes nas vozes dos acampados: a posse da terra, o acesso à educação, uma perspectiva digna de trabalho e um espaço de

moradia, por exemplo. Expectativas que parecem apontar para a esperança de um outro mundo possível para si, mas que também reflete no coletivo.

Podemos refletir que a experiência da vida nos acampamentos aponta para a formação da consciência dos sujeitos discutida por Lukács (2003), uma consciência forjada e consolidada na práxis, capaz de integrar sujeitos e objetos, com a formação de sujeitos revolucionários que se orientam pelo materialismo histórico dialético (Marx, 2013).

Não acredito ser capaz de encerrar este trabalho apontando considerações finais, não sei se este estudo seria demarcado por um ponto final, a sensação latente é que deixo aqui mais perguntas e inquietações do que quando iniciei estas páginas. De modo que não é minha pretensão finalizar o assunto, encerrar a discussão, a minha expectativa aqui é abrir e ampliar a conversa para seguirmos aprofundando a *prosa*. Os tempos de Acampamento, as reflexões sobre o MST, a vida nos barracos de lona, as perspectivas de mulheres e homens, as reflexões de identidade e educação, são temas que não estão encerrados aqui, ao contrário, são introduzidos aqui para seguirmos dialogando de forma rizomática, afinal, a vida de acampamento não se assemelha também a um rizoma?

Os Acampamentos são marcados por multiplicidades, determinações e agenciamentos em constante movimento. Ao mesmo tempo em que os próprios Acampamentos se constituem enquanto linhas de fuga dentro da estrutura social. E como diriam Deleuze e Guattari (2011), afinal "ninguém sabe do que um rizoma é capaz". Por isso, não posso pôr um ponto final nesses tempos de lona preta, fiquemos com as reticências e, porque não, com as interrogações? Quais serão os rumos do Acampamento Ana Primavesi a partir daqui?

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. Infância e história: destruição da experiência e origem da história. Belo Horizonte: Editora UFMG; 2005.

ALMEIDA, Weder Bruno de; FIGUEIREDO, Angela. Colonialidade, produção do conhecimento e o lugar da universidade pública. ANPOCS, 2020. Disponível em: https://www.anpocs2020.sinteseeventos.com.br. Acesso em: Novembro de 2021.

BACHELARD, Gaston. A formação do espírito científico: contribuição para uma

psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BRASIL. [Constituição Federal]. Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. 4.ed. São Paulo: Saraiva, 1990.

CALDART, R. S. Pedagogia do Movimento Sem Terra. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

CAMPOS, Ademar da Silva. 2008. O Confronto em Eldorado dos Carajás: Trágica consequência do processo histórico da concentração de terras no Brasil. 2008.

DELEUZE, Gilles. Em que se pode reconhecer o estruturalismo. In: A Ilha Deserta e outros

textos. São Paulo: Iluminuras, 2006, p. 221-247.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 2. São

Paulo: Editora 34, 2011 (2ª edição).

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (Org.). Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora. João Pessoa: Ideia; Editora Universitária UFPB, 2005.

GROSFOGUEL, Ramon. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. Revista Sociedade e Estado, v. 31, n. 1, 2016.

JAEGERMANN, Zuzanna. Identidade e territorialidade Sem-Terra no mundo moderno/colonial do recôncavo da Bahia: Assentamento de Reforma Agrária Eldorado (município de Santo Amaro/BA). Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Mestrado em Ciências Sociais. Cachoeira, Bahia. 2016.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 1970. Antropologia estrutural. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

LIMA, Ari. O método é heterodoxo. O sujeito é posicionado. A pesquisa é possível? Saberes e Posições Teórico-Metodológicas em Ciências

Humanas. Número temático: Metodologias de pesquisa em ciências sociais e humanas. A Cor das Letras — UEFS, n. 14, 2013.

LOERA, Nashiele Rangel. Tempo de acampamento. Editora UNESP. São Paulo, 1ª ed. 2014.

LUKÁCS, Georg. História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MARX, K. O Capital - Livro I – crítica da economia política: O processo de produção do capital. Tradução Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MIGNOLO, Walter. A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. In: A Colonialidade do Saber: Eurocentrismo e Ciências Sociais: Perspectivas Latino Americanas. Argentina: Colección Sur Sur, 2005.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. Revista de Antropologia. São Paulo, USP, v.39, n.1, p. 13-37, 1996.

SIGAUD, L. As condições de possibilidade das ocupações de terra. Tempo Social, [S. l.], v. 17, n. 1, p. 255-280, 2005. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12462. Acesso em: 2 nov. 2021.

SILVA, Hélio. A situação etnográfica: andar e ver. Horizonte Antropológico, vol 15, nº 32, Porto Alegre, 2009.

TYLOR, Stephen A. A etnografia pós-moderna: do documento do oculto ao oculto do documento. 2016. In: CLIFFORD, J.; MARCUS, G. E. A Escrita da Cultura: Poética e Política da Etnografia. Rio de Janeiro. 2016.